

SOBRAP
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**COMO A PSICANÁLISE PODE AUXILIAR AS MULHERES QUE PASSAM POR
RELACIONAMENTO ABUSIVO E TÓXICOS EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS**

Alunas:

Marisa D. F. A. Ferreira Silva

Raquel Cóvos Figueiredo Vater

Sônia Cristina Vestina

Orientadora:

Marise Marcolan

Sorocaba / SP

2022

SOBRAP
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**COMO A PSICANÁLISE PODE AUXILIAR AS MULHERES QUE PASSAM POR
RELACIONAMENTO ABUSIVO E TÓXICOS EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS**

Artigo apresentado em
cumprimento às exigências do
Curso de Psicanálise, sob
orientação da Professora
Marise Marcolan

Sorocaba / SP

2022

SOBRAP
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Alunas:

Marisa D. F. A. Ferreira Silva
Raquel Cóvos Figueiredo Vater
Sônia Cristina Vestina

**COMO A PSICANÁLISE PODE AUXILIAR AS MULHERES QUE PASSAM POR
RELACIONAMENTO ABUSIVO E TÓXICOS EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS**

Avaliado em: ___/___/___
Nota final: () _____

Professora Orientadora: Marise Marcolan

Professor Examinador

Sorocaba / SP

2022

Índice

1) Resumo.....	4
2) Abstract.....	4
3) Introdução.....	4
4) Metodologia.....	6
5) Relacionamentos abusivo e tóxicos, caracterização e diferenças.....	7
6) Quem são as pessoas que praticam este tipo de abuso?.....	10
6.1) Quem são estas pessoas e como elas agem?.....	11
6.2) Como a psicanálise pode auxiliar no relacionamento abusivo.....	12
7) O que leva as mulheres a entrarem, aceitar e se manterem nesse tipo de relacionamento?.....	13
8) Estudo de caso.....	17
9) Conclusão.....	19
10) Referências Bibliográficas.....	19

1) RESUMO

O presente trabalho busca investigar e discorrer a respeito dos processos psíquicos que se apresentam em dinâmicas abusivas em relacionamentos heteroafetivos, buscando pontuar, partindo da compreensão do que se trata relacionamento abusivo e relacionamento tóxico, e buscando respaldo na linha da psicanálise freudiana a respeito de como essas dinâmicas são enxergadas e as possíveis contribuições da psicanálise para com as vítimas dessas relações, além disso, busca-se compreender as formas de subjetivação e de sofrimento psíquico existentes no contexto abusivo. Não obstante, diante do cenário pandêmico e das condições de isolamento social, é perceptível o aumento dos relatos a respeito de relacionamentos abusivos e casos de agressão (DE SOUZA & SAMICO, 2021).

Palavras Chaves: relacionamento, tóxico, abusivo

2) ABSTRACT

The present work seeks to investigate and discuss the psychic processes that are present in abusive dynamics in hetero affective relationships, seeking to punctuate, starting from the understanding of what abusive relationship and toxic relationship are, and seeking support in the line of Freudian psychoanalysis about how these dynamics are seen and the possible contributions of psychoanalysis to the victims of these relationships. In addition, it seeks to understand the forms of subjectivation and psychic suffering that exist in the abusive context. Given the pandemic scenario and conditions of social isolation, the increase in reports about abusive relationships and cases of aggression is noticeable (DE SOUZA & SAMICO, 2021).

Keywords: relationship, toxic, abusive

3) INTRODUÇÃO

É comum ouvir que a linha existente entre o amor e o ódio é tênue, e se apresenta na maior parte das relações humanas, e por conseguinte, nos relacionamentos amorosos. Freud (1915/2010), em sua obra "As pulsões e seus destinos", ressalta que é possível compreender a maneira que o amor, muitas vezes,

se manifesta de forma dual, ou seja, a forma como o amor e o ódio podem surgir simultaneamente e se voltarem para o mesmo objeto. No entanto, muitas vezes as dinâmicas que determinados relacionamentos assumem podem ser extremamente prejudiciais às vítimas.

Desde a violência psicológica até a física. A violência contra a mulher, seja infringida a partir de um relacionamento abusivo ou tóxico, vem ganhando cada vez mais destaque nos debates e também nas medidas constitucionais, e a visibilidade que teve sua ascendência a partir da criação da Lei Maria da Penha de nº 11.340 de agosto de 2006.

A Lei Maria da Penha garante o direito de toda mulher, independentemente de classe, raça, orientação sexual, etnia, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, de usufruir direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo lhe assegurado o direito para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. A mesma reconhece a violência contra a mulher em diversas situações: a violência física; a violência psicológica, reconhecida como qualquer conduta que cause dano emocional e à saúde psicológica, que leve a diminuição da autoestima ou vise controlar os comportamentos, crenças e decisões da vítima; violência sexual, compreendida como qualquer ação que a constranja a manter ou participar de uma relação sexual não desejada; violência patrimonial, que pode ser definida por qualquer comportamento que configure retenção ou destruição (parcial ou total) de bens ou recursos econômicos pertencentes a vítima e violência moral, reconhecida por qualquer ação que configure difamação, injúria ou calúnia (JUSBRASIL, 2006).

No entanto, o número de feminicídios nos últimos anos foi crescente, tendo atingido em 2021 seu maior índice até então, tendo aumento de 0,5% (COSTA & GONÇALVES, 2021). Não é possível, portanto, segregar feminicídio das questões do dinâmicas de relacionamento tóxicas e/ou abusivas, sendo importante compreender as diferenças entre cada um e as afetações produzidas na vida das vítimas.

Pode-se dizer ainda que muitas vezes situações abusivas e danosas são normalizadas e romantizadas frente à sociedade, o que é problemático à medida em

que perpetua situações que com o passar do tempo podem trazer implicações às vítimas.

Dessa forma, características relacionadas a violência e domínio são conferidas aos homens, ao passo que à mulher foi imputado o símbolo de "sexo frágil" por sensíveis serem consideradas mais e afetivas, traços que se colocam como opostos aos masculinos e, portanto, são menosprezados no contexto social enquanto ocorre a normalização de comportamentos violentos praticados por homens. (AZEVEDO, 1985).

A partir do exposto, o presente trabalho se propõe a explorar as questões que permeiam relacionamentos heteroafetivos abusivos e tóxicos e suas implicações na vida da vítima feminina, buscando perpassar os principais fatores de importância, bem como as possibilidades de intervenção para a reestruturação da vida da vítima após uma experiência que é, na maioria das vezes avassaladora e traumática.

4) METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, envolvendo também a pesquisa de campo com caráter quali-quantitativo. A partir de estudos anexados nas bases de dados SCIELO e Google acadêmico foi possível realizar a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo foi realizada por meio de sessões de terapias, com uma vítima de relacionamento tóxico e abusivo por meio de informações colhida nos atendimentos, foi construído um caso clínico onde foi relatado as agressões psicológicas que a mesma sofreu em seu relacionamento.

Os termos utilizados para a pesquisa bibliográfica foram : "relacionamento tóxico e abusivo" correlacionados a "saúde mental da mulher " .

Como critério para inclusão foi definido que os estudos deveriam tratar exclusivamente sobre os termos utilizados correlacionados saúde mental da mulher que passa por relacionamentos tóxicos e abusivos. Como critério de exclusão foi definido que os estudos que fugissem do assunto não teriam relevância para o trabalho. Após a seleção dos estudos passou-se à análise dos mesmo por leitura exploratória.

5) RELACIONAMENTO ABUSIVO E TÓXICO, CARACTERIZAÇÃO E DIFERENÇAS

No cenário atual se tornou cada vez mais comum o debate e a classificação das pessoas a respeito de algumas relações afetivas como abusivas ou tóxicas. importante questionamento, portanto, a respeito de quais pontos configuram uma relação como tal, bem importantes como existentes as diferenças entre essas denominações (BARBOSA, 2019).

A partir da normalização de condutas misóginas no contexto social, pode-se dizer que pensar essas relações consiste em uma atividade complexa, uma vez que se faz necessário compreender a relação existente entre os indivíduos e seus mecanismos de sustentação. Contudo, o estabelecimento de determinados parâmetros que auxiliam a diferenciar o que é abusivo do que é tóxico é possível e se faz necessário (LOPES, 2021) Um relacionamento pode ser considerado abusivo quando há violência física, psicológica ou financeira.

Temos alguns perfis de relacionamentos: o relacionamento funcional, relacionamento disfuncional, o relacionamento tóxico e o relacionamento abusivo.

O relacionamento funcional é aquele que literalmente “funciona”, que traz qualidade de vida maior que quando estivessem separados ou sozinhos.

O relacionamento disfuncional é aquele que não está funcionando, a comunicação está comprometida e o casal vive no mesmo ambiente, mas não tem mais convivência entre si, há raras intimidades, pouca ou nenhuma interatividade e neste caso não há violência.

O relacionamento tóxico é um dos que hoje em dia mais aparecem no set analítico junto do relacionamento abusivo. Muitos acreditam ser a mesma coisa, mas há uma grande diferença entre eles. O relacionamento tóxico pode acontecer das duas partes ou de somente uma, ou seja, ambos têm o mesmo comportamento ou somente um deles.

A pessoa tóxica geralmente não percebe sua conduta. É alguém de mal com a vida, mas que não tem intenção direta em ferir ou machucar o outro, a grande maioria age sem saber o que está fazendo. E quando se dá conta do que faz, sua primeira reação é de choque e desconforto, pois não tinha entendimento do que estava fazendo

e não pretendia machucar o outro, pois no relacionamento tóxico não há a intenção de manipulação. Após a descoberta se sente culpado e pode viver infeliz com a situação, mas aceita uma possível mudança de comportamento.

Qualquer pessoa pode ser tóxica e apresentar um ou mais comportamentos tóxicos. Isso pode acontecer se houver insistência, intensidade e dano.

Nestes casos de relacionamentos tóxicos não existem buscas por poder ou domínio sobre o outro, é um relacionamento que vive inconstante, pode existir violência ou não.

Quando há duas pessoas tóxicas não existe vítima pois os dois são recíprocos, o que pode mudar é a forma como cada um trabalha o ato. No fim deste relacionamento, acontece um alívio imediato das partes, tanto do tóxico como do outro.

Em um âmbito geral, é possível que dinâmica do afirmar relacionamento abusivo existe a intenção de fazer com que o outro sofra e seja agredido de alguma maneira, visando principalmente exercer e manter controle, de modo que para isso, o agressor pode utilizar de agressões psicológicas financeiros, controle/chantagem e até mesmo agressões físicas. Além disso, esse tipo de relação ocorre majoritariamente na dinâmica de casais, embora não se exclua sua ocorrência de outros contextos, como o familiar (RIBEIRO, 2020).

Ribeiro (2020), aponta que na dinâmica de um relacionamento tóxico, é possível observar que as agressões normalmente se restringem ao âmbito psicológico, podendo ocorrer em diversos contextos, como por exemplo, em amizades, entre familiares, ambiente de trabalho, pais e filhos, entre outros. Nessa dinâmica de relação o agressor não necessariamente possui a intenção de controlar o outro. É possível afirmar que, em diversas situações, ele possui a necessidade velada que o outro se sinta mal para que ele se sinta bem, ou pelo menos não se sinta tão mal. Sendo assim, um dos principais mecanismos utilizados é fazer com que o outro se sinta diminuído.

O agressor que possui atitudes tóxicas, na maioria das vezes, não tem a percepção clara de que suas atitudes são desagradáveis, e tampouco possuem clareza a respeito do mal que causam ao outro. Um dos pontos que também foi

possível identificar, consiste no fato de que a pessoa que possui atitudes tóxicas tende a sentir culpa e/ou arrependimento quando é questionada a respeito de sua conduta (RIBEIRO, 2020). Além disso, Estrela et al (2018) afirma que mulheres que se encontram inseridas em um contexto de relação tóxica, também podem experimentar mais de uma forma de violência.

É sabido, no entanto que mulheres que são vítimas de relacionamentos abusivos, ou tóxicos, muitas vezes tem dificuldades para reconhecer sua relação como tal. de modo que ao longo dos séculos, incontáveis mulheres foram vítimas de alguma forma de maus tratos em seus relacionamentos afetivos, problemática esta que se mostra à nível global, gerando na vida da mulher vitimada situações que causam de dor e sofrimento a nível psíquico e até mesmo físico, podendo causar diversas implicações na saúde das vítimas, como ansiedade, depressão, dependência álcool e drogas, transtornos alimentares, e outros (SILVA et al, 2013).

Estrela et al (2018) afirma que mulheres que se encontram inseridas em um contexto de relação tóxica, também podem experimentar mais de uma forma de violência.

Mulheres que relacionamentos abusivos vítimas ou tóxicos, muitas vezes possuem dificuldades em reconhecer suas relações como tal, de modo que ao longo dos séculos, incontáveis mulheres foram vítimas de alguma forma de maus tratos em seus relacionamentos afetivos, problemática esta que se mostra à nível global, gerando na vida da mulher vitimada.

Rolim e Falcke (2017), destacam o sócio-histórico-cultural que permeia a violência nas relações afetivas; violência essa que se tornou uma problemática social inquietante diante de seu enorme crescimento nas últimas décadas.

Há supostos papéis estabelecidos tanto para homens quanto para mulheres: criam-se estereótipos que afetam a vida. Mas, das pessoas. no caso das mulheres, esse impacto acontece em maior. Há supostos papéis estabelecidos tanto para homens quanto para mulheres: criam-se estereótipos que afetam a vida das pessoas. Mas, no caso das mulheres, esse impacto acontece em maior grau porque esses estereótipos são discriminatórios e historicamente têm impedido o acesso ao poder econômico e político e a direitos, gerando desigualdade. Há toda uma série de barreiras que são criadas para as mulheres e, nesse contexto, algumas pessoas usam

inclusive da violência física e psicológica para manter aquilo que acham que é 'correto', para manter o que avaliam ser o 'lugar da mulher'. (CASTILHO, 2019)

No entanto, embora se saiba da Lei Maria da Penha e dos direitos possuídos, muitas mulheres possuem dificuldade em romper com ciclo vivenciado e denunciar seu agressor, e quando o fazem, na maioria das vezes a Lei não se efetiva e o agressor não é punido de crimes maneira adequada pelos cometidos. Além disso, a dependência emocional e a manipulação sofrida em relacionamentos abusivos e tóxicos fazem com que, apesar do sofrimento a mulher se mantenha na relação apesar de ferida, acreditando na possibilidade de mudança e no retorno do homem que a conquistou.

No entanto, o rompimento de um relacionamento violento pode levar anos para se concretizar, uma vez que muitas mulheres acabam por aceitar a violência por diversas razões, como: medo de morrer, dependência emocional e/ou financeira, por vergonha de expor a situação, ameaças, sensação de fracasso frente ao rompimento, baixa autoestima e em alguns casos até mesmo sentimento de culpa pela violência sofrida.

6) QUEM SÃO AS PESSOAS QUE PRATICAM ESTE TIPO DE ABUSO?

De acordo com alguns estudos, foi analisado que o abusador apresenta característica narcisista, ou seja, é um termo usado para descrever pessoas com um senso inflado de autoestima, alguém com esses traços apresentam o "transtorno de personalidade narcisista" (este transtorno deve ser analisado por profissionais da área como psicoterapeutas e psiquiatras).

Alguém que foi diagnosticado com este transtorno apresenta alguns traços, como:

- Considerar-se sempre muito importante ou mais importante do que os que estão a sua volta;
- Não aceitar muito bem as críticas ou não aceitar de jeito nenhum;
- Ter senso fora do comum de suas conquistas;
- Ter necessidade de ser admirado.

6.1) Quem são estas pessoas e como elas agem?

Os abusadores podem ser tanto homens como mulheres. Eles costumam ser manipuladores, narcisistas perversos, psicopatas sociais, sociopatas e outros do mesmo espectro.

De modo geral, eles usam algumas artimanhas para atrair suas vítimas, pois neste modo de relacionamento, buscam poder e controle sobre o outro. Não são pessoas de fácil ajuste e raramente dinâmicas prejudiciais se alteram, ou seja, segue-se um padrão de manipulação.

Nestes casos de relacionamentos abusivos, já existe a violência doméstica, podendo ser física e verbal, ou somente uma das duas. O abusador sabe muito bem o que está fazendo, calcula seus passos e não sente piedade e nem compaixão pelo outro. Ele não sofre, apenas troca sua vítima.

O início de um relacionamento abusivo começa com uma das partes sendo conquistadora, sedutora, gentil, enaltece o outro e costuma ser a melhor pessoa para aquele outro, fazendo com que ele se torne indispensável para a sua vítima. Após a sua conquista, o abusador já tem ciência que pode prosseguir para a próxima fase, que começam alguns abusos, que se maquiam de relacionamento tóxico.

Nesta segunda parte, o abusador começa a ser mais frio e distante, mais controlador e imprevisível dos seus atos. Podem fazer um silêncio ameaçador, como se suas vítimas o estivessem devendo algo, tudo isto aliado a pequenas falas de menos valia que as desqualifiquem.

Na medida em que o tempo deste relacionamento vai passando, o abusador faz com que sua vítima se torne dependente dele, de início faz-se que seja emocionalmente, até se transformar em totalmente dependente (emocional, financeiro ou até capacitivo).

Também passa a impor limites na vida da vítima: manipulação é a sua base do relacionamento, ou seja, usa questões da vida da vítima para limitá-la, por exemplo: “sua amiga veste tal roupa, você NÃO PODE usar igual”, “agora que estamos juntos, você não pode realizar isto”. Cercamento de liberdade em alguma área, como o que vai comer, aonde vai, com quem vai etc.

A insegurança e a tensão no relacionamento são constantes, a vítima já entende que deve “pisar em ovos” para não divergir da opinião do abusador, se sente insegura quanto a própria opinião e já não consegue entender se as suas ações são mesmo coerentes, se sente sempre culpada por algo fracassada e incompetente, pois o abusador faz com que a vítima entenda que o que está acontecendo com ela, foi ela mesma que provocou e por isto o abusivo teve de tomar tal atitude, como a vítima já está manipulada, ela aceita e assim ocorrem mais abusos.

Por mais que a vítima tente se impor de qualquer maneira, o abusador sempre irá conseguir contornar a situação e fazer com que ela desista de uma discussão ou ação.

O abusador sempre irá procurar sua vítima com certeza de que dará certo, pois provavelmente é alguém mais frágil, com traumas passados e certamente mais submissa, pois pessoas que são mais dominadoras e controladoras, dificilmente se submetem a este tipo de relacionamento, pois o abusador precisa do poder e do controle, dois com a mesma personalidade não se forma o relacionamento abusivo.

6.2) Como a psicanálise pode auxiliar no relacionamento abusivo

Para o abusador, dificilmente conseguiremos sucesso, pois para ele é cômodo a situação de controle e poder e é o que ele sempre buscará, não achando que está errado ou que possa ter algum problema ou situação a resolver, pois como não tem empatia com o próximo jamais tomará para si a responsabilidade de melhorar seu relacionamento, sendo que o relacionamento perfeito é com as suas próprias regras.

Temos que entender de onde vem sua obsessão pelo controle e pelo poder no relacionamento, e o porquê ele enxerga os abusos de forma prazerosa e positiva. Se esta condição vem por um transtorno mental ou um padrão de infância (que aprendeu e deve ser repassado para frente, como por exemplo os relacionamentos de décadas antigas onde se formos analisar, praticamente 90% dos relacionamentos antigos se enquadram em abusivos, pela violência, o cárcere, os danos físicos e emocionais etc).

Para a vítima precisamos ter uma abordagem inicial de acolhimento, e através de algumas sessões começar a perceber se este tipo de relacionamento acontece com frequência e se torna um padrão e assim conseguimos encontrar de onde possa

vir esta necessidade, ou se foi um caso isolado e temos que reparar os danos causados por ele e possíveis traumas. A vítima quando procura o atendimento psicanalítico com a principal queixa de relacionamento abusivo, certamente está muito ferida em diversos aspectos, neste momento precisamos entender os danos, promover o acolhimento e iniciarmos o plano de ação e tratamento para esta vítima.

Para o abusador de um relacionamento tóxico, podemos sugerir uma terapia de casal, ou individual para que possamos descobrir juntos de onde vem a necessidade de controle com o outro, precisamos entender qual a necessidade que não está sendo suprida na relação, quais as memórias que estão sendo ativadas quando o comportamento acontece, e que modo de defesa estão usando.

7) O QUE LEVA AS MULHERES A ENTRAREM, ACEITAR E SE MANTEREM NESSE TIPO DE RELACIONAMENTO?

Segundo Truninger (1971) algumas das razões pelas quais as mulheres não rompem o relacionamento com os maridos abusivos são: (1) elas têm autoconceito negativo; (2) acreditam que seus maridos mudarão; (3) dificuldade financeira; (4) têm filhos que necessitam do suporte econômico do pai; (5) duvidam que consigam prosseguir sozinhas; (6) acreditam que o divórcio é estigmatizado; e (7) é mais difícil para mulheres com filho conseguir trabalho.

A mulher permanece em um relacionamento abusivo porque obtém alguma coisa que ela deseja (permuta) e apesar de pagar caro, ela faz uma escolha consciente, considerando os prós e contras. Uma das permutas feitas está relacionada ao dinheiro. A mulher coloca-se em atitude de escolha entre desfrutar benefícios materiais e sofrer humilhação e dependência ou ir embora e tornar-se livre de sofrimentos. Outra permuta feita é a de evitar a solidão. Para muitas o maior medo não é a pobreza, mas a solidão. Uma terceira permuta é realizada para a garantia do bem estar dos filhos. O que estas mulheres não percebem é que, grandes traumas na infância derivam de brigas entre o casal (TRUNINGER, 1971)

No que diz respeito à falta de recursos para a sobrevivência, evidencia-se muitas vezes, o despreparo econômico para sair de casa, a necessidade de uma fonte de renda, e a necessidade de amparo social (MARQUES, 2005).

O medo do aumento do abuso caso deixe o marido é outro motivo pelo qual a mulher permanece no relacionamento. A separação é temida pela mulher, dado que o homem abusivo se sente mais desafiado quando a mulher se liberta do seu controle. Ao sentir a perda da autoridade, o homem abusivo fará o necessário para recuperar o controle, seja através de uma briga, seja através do assassinato da mulher. Mais mulheres são mortas depois de abandonar o relacionamento abusivo, do que quando aí permanecem (MARQUES, 2005).

O último fator apontado por Miller (1999) como explicação da permanência da mulher no relacionamento são os obstáculos emocionais relativos à auto-imagem. Muitas mulheres cujas imagens foram completamente destruídas, costumam perpetuar seu sentimento de fracasso, atribuindo o problema a si mesmas e não ao marido abusivo, outras simplesmente sentem-se incapazes de ir embora devido a esse sentimento de inutilidade e de baixa autoestima. Fatores como a culpa introjetada, a esperança da resolução do problema, ou o entorpecimento emocional, também contribuem para que a mulher não deixe seu relacionamento abusivo e doloroso.

Não obstante tais explicações, as razões pelas quais as mulheres permanecem num relacionamento abusivo são complexas e não compreendidas plenamente, gerando várias hipóteses explicativas (MARQUES, 2005).

Gelles (1976), considera que o ciclo de vitimização desempenha um papel vicioso: esposas que permanecem num relacionamento abusivo e não procuram assistência tendem mais a terem sido agredidas quando crianças.

Existem duas razões inter-relacionadas pelas quais mulheres que foram expostas ou foram vítimas de violência intrafamiliar estariam inclinadas a ser vítimas de violência familiar como adultas. É possível que quanto mais experiência com a violência tenha uma mulher, maior seja sua tendência a aprovar o uso da violência na família (MARQUES, 2005).

Ela pode crescer com a expectativa de que maridos “devem” bater em esposas, e esta expectativa de papel pode ser em contrapartida se tornar o motivador para o marido usar a violência com ela. A outra explicação desses resultados integram a teoria homogâmica da seleção do parceiro (Centers, 1949). Assim, pode-se argumentar que mulheres que cresceram em ambientes que incluíram e aprovaram a

violência familiar, têm maior probabilidade de se casarem com uma pessoa que tende a usar violência.

Diante do fato de que a exposição e a experiência com a violência quando criança torna a mulher mais vulnerável a se tornar vítima da violência conjugal, pode-se questionar, até que ponto isso afeta as ações de uma esposa agredida.

Para Gelles (1976) há duas previsões alternativas que podem ser feitas. A primeira delas enfatiza que quanto menos a mulher experimenta violência em sua família de orientação, maior a probabilidade de que veja a violência intrafamiliar com desvio, e assim, mais desejará buscar intervenção ou divórcio quando atacada por seu marido. A segunda destaca que, a exposição à violência pode proporcionar um papel modelo para a mulher de como agir quando atacada. Assim, quanto maior a violência que foi exposta, mais saberá sobre como obter ajuda externa e buscará mais esta ajuda.

Entretanto, nenhuma das previsões alternativas é fortemente corroborada pelos dados sobre experiência e exposição à violência.

Em seu trabalho, Gelles (1976) descobriu três fatores preponderantes que influenciam a decisão das mulheres de permanecer com o marido abusivo ou de procurar intervenção.

Primeiro, quanto menos severa e menos frequente for a violência, mais a esposa permanecerá com seu marido e não procurará socorro externo. Este resultado é quase auto evidente no que postula que as mulheres procuram intervenção quando são severamente agredidas. Todavia, o problema é mais complexo, uma vez que severidade e frequência da violência explicam somente parte da variância no comportamento das esposas agredidas.

Um segundo fator é quanta violência a esposa experimentou quando criança. Quanto mais foi espancada pelos pais, mais inclinada é para permanecer com o marido abusivo. Parece que a vitimação quando criança aumenta a tolerância da esposa para com a violência quando adulta.

Por último, fatores educacionais e ocupacionais estão associados à permanência com o marido abusivo. As esposas que não procuram intervenção têm menor probabilidade de haver completado o ensino médio e de estar desempregadas.

Conclui-se que quanto menos recursos, menos poder e mais “presas” as mulheres estiverem ao matrimônio, mais sofrem nas mãos de seu marido sem pedir ajuda de fora da família.

Segundo Bleichmar (s.d.) o que mantém a mulher nessa condição de violência, e a faz preferir manter uma relação mesmo que violenta a perdê-la é sua identidade feminina. Em suas investigações Bleichmar sugere que a mulher ao romper uma relação sente que falha enquanto pessoa e entra em depressão. Dessa forma, não apenas se separa e perde um vínculo, mas também se desequilibra, se desorganiza e se desvaloriza completamente porque esta falhando enquanto pessoa.

De acordo com essa ótica, as mulheres se valorizam em função dos sacrifícios que são capazes de fazer pelos outros, e não por si mesmas, dado a inserção de valores patriarcais em sua subjetividade.

A segunda solução oferecida pela perspectiva feminista se refere a uma patologia desenvolvida com reação a experiências traumáticas repetidas e, nos casos de violência conjugal, seria produzida pela própria relação abusiva: trata-se da “Síndrome de Estresse Pós Traumático”

Segundo os critérios do DSM-III-R (Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais, 1989) a “síndrome de estresse pós-traumático” engloba os seguintes critérios: 1) presença de um fator de estresse capaz de causar uma resposta traumática; 2) sintomas que prevalecem por mais de mês; 3) mudanças mensuráveis na memória e na cognição; 4) pelo menos três sintomas mensuráveis de evitação; 5) pelo menos três sintomas mensuráveis de excitação (Walker, 1993). Essas síndromes e desordens vêm frequentemente acompanhadas do que se chamou de desamparo aprendido.

Seligman (1967) levou a teoria do condicionamento de Pavlov um passo à frente e desenvolveu a Teoria do Desamparo Apreendido, de acordo com o qual os maus-tratos intermitentes, durante um período de tempo tornam o indivíduo incapaz de fazer valer a sua vontade e, como resultado, submetem-se à vontade do controlador.

Segundo Marques (2005), a mulher para se justificar a permanência no relacionamento abusivo cria mecanismos de defesa, como:

Minimização: quando diz por exemplo: “poderia ter sido pior”

Negação: pode ocorrer quando o reconhecimento da verdade pode acarretar uma revolta a qual a mulher não está preparada, ou quando duas emoções conflitantes, tais como amar e ter medo do agressor, não pode ser conciliadas.

Repressão: a lembrança de um evento doloroso é eliminada da consciência

Dissociação: eventos que envolvem a pessoa podem ser excluídos do estado de consciência. A dissociação é comumente descrita como uma ruptura do corpo com a mente.

Mulheres que são espancadas geralmente apresentam desculpas para o agressor, refletindo sua crença de que são de alguma forma responsáveis ou culpadas pela violência. Algumas vezes acreditam que são as únicas a sofrer abusos, que são fracassadas ou que não merecem ajuda (MARQUES, 2005).

8) ESTUDO DE CASO

Priscila, 40 anos, branca, brasileira, casada, de origem católica. Paciente iniciou relacionamento a 21 anos e é casada a 17 anos, relata na primeira sessão a necessidade em dar um fim no relacionamento devido à problemas no relacionamento, segundo relato vivem em ambiente de brigas e discussões constantes, marido agride-a verbalmente, trata-a mal, grita, fala xingamentos e palavrões. Nunca houve agressão física, porém as agressões verbais são constantes.

Durante as brigas, Priscila demonstrava descontentamento com a situação, havia discussões, porém por parte da paciente de forma muito passiva, pois se sobressaísse sobre a fala dele, ele falava cada vez mais alto e ela não gostava de brigas. No dia seguinte, paciente fingia que nada tinha ocorrido. Paciente era autônoma e ia se dedicando cada vez mais ao trabalho. Priscila relata que mantinham pouca relação com o pai, mãe e irmãos dela, já que sempre que sugeria de ir vê-los o marido não queria, ela questiona, brigavam, mas não conseguia mudar a opinião dele. Paciente fazia uso de ansiolítico e afirmou que o ansiolítico a ajudava a achar que “está tudo bem”, “é o jeito dele”.

Com o passar dos anos as brigas e discussões foram ficando mais intensas e três acontecimentos ocorreram os quais ajudaram com que a paciente enxergasse a situação que vinha vivendo. Primeiro, o marido precisou realizar uma cirurgia, ele ficou com bastante dor no pós-operatório e ainda mais exigente e arrogante. Priscila conseguiu um emprego fixo que a fez sentir mais segurança na questão financeira. Paciente diminuiu a frequência do uso do ansiolítico e devido as constantes brigas, a paciente começou a tratar o marido da forma como era tratada e cada vez mais ele era agressivo, um dia ele sugeriu que se separassem, e foi nesse momento que ela mesmo resolveu, que era ela quem queria se separar. A partir desse momento, paciente sabia o que queria, porém tinha algumas questões que a incomodava porque não se conformava em ter se permitido viver no relacionamento por tanto tempo.

Ao ser questionada dos porquês que se manteve na relação, relatava que não queria desagradar a Deus, não queria desagradar ao seu pai e de certa forma reconhecer que a relação não havia dado certo era bastante frustrante.

Paciente relata que o pai dela cuidava de tudo, era bastante trabalhador, trabalhando em dois turnos, correu atrás dos sonhos dele, conquistando carro, casa, bebia, porém não chegando a ser vício, ele quem a ensinou a maioria das coisas e aos 10 anos “entregou” a reponsabilidade da criação a mãe dela.

Sua mãe era submissa, bebia muito, escondida do pai. Priscila e sua irmã faziam a comida e arrumavam a casa para que não parecesse que a mãe não havia feito nada durante o dia e para que o pai não chegasse e começasse a brigar com a mãe, discutindo e agredindo verbalmente e fisicamente.

Devido ao relato supõem-se que Priscila está em um relacionamento tóxico e abusivo já que existe constante abuso emocional, usado para manter o controle, impor a opinião e diminuindo a sua autoestima, vivendo em um clima de tensão constante o que normalmente causa ansiedade na parceira.

Percebe-se que faltou em muitos momentos a paciente comunicar de forma efetiva o quanto aquele comportamento a afetava emocionalmente e colocar reais limites de como aceitava ser tratada. Apesar de Priscila pagar 90% das contas do casal, ela tem insegurança e medo o de passar dificuldades financeiras demonstrando como a autoestima dela esta prejudicada.

Como inconscientemente buscamos o que nos é familiar e a paciente vivenciou agressões verbais e físicas na infância, inconscientemente ela aceitava a situação. Também pode ser que exista uma crença de que ela pode mudar o marido, fazendo como que ele seja uma pessoa respeitadora e gentil. E inconscientemente ao fazer isso, estaria resgatando o seu pai, porém sabe-se que mudar as outras pessoas é impossível e que cada um precisa mudar por si, a fim de buscar uma vida de maior qualidade e paz interior.

Durante as sessões a psicanálise auxilia a paciente a entender melhor as questões, os motivos pelos quais a mantiveram nessa relação, a paciente também tem um sonho de ser mãe, portanto, insistia na relação para que pudesse realizar esse sonho. Também é discutido nas sessões as crenças e aos poucos fortalecendo o ego para que ela possa se sentir segura em tomar uma decisão e de seguir a vida, de forma que se ocorrer de novamente se relacionar com uma pessoa que tenha comportamento semelhante saiba reconhecer e sair com facilidade desse relacionamento.

9) CONCLUSÃO

Esse trabalho nos possibilitou conhecer a realidade das mulheres que passam por relacionamentos tóxicos e ou abusivos e a ter certeza que a psicanálise através da escuta atenta e amorosa, com observação na fala da analisanda, conduzir a mesma a trazer para o consciente o seu amor próprio, reconhecimento de sua real força e capacidade. Através da psicanálise foi possível equilibrar o EGO através da maternagem, acolhimento e auxílio em compreender o que ocorreu e a responsabilidade da paciente na história de vida dela. A partir da terapia a paciente pode entender melhor e sentir-se capaz de dar novo direcionamento em sua vida e ser capaz de ser mais realista em posteriores relacionamentos.

10) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Maria Amélia. **Violência física contra a mulher**: dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada. Mulheres espancadas: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, p. 45-75, 1985.

BARBOSA, M. L. V. **Violência contra a mulher**: as diferentes fases e o que há por trás. 2019.

BLEICHMAR, E. Dependências amorosas. In NO TE lo piense, vem a discutir nosotras. Madrid: Comision anti-agresiones y coordinadora de grupos de mujeres de barrios y pueblos, s.d.

CASTILHO, E.W.V. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/fontes/ela-wiecko-volkmer-de-castilho/>. Acesso em 01 fev 2022.

COSTA, Letícia Ferreira; GONÇALVES, Jonas Rodrigo. **Femicídio**: sob a banalização das mortes violentas por razões de gênero e seus desafios diários. Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, v. 12, n. 42, p. 2021.

DE SOUZA, Ana Claudia Matos; SAMICO, Fernanda Cabral. **Relacionamentos abusivos**: A dor do amor no distanciamento social. Revista Mosaico, v. 12, n. 2, 2021.

FREUD, Sigmund. **Os instintos e seus destinos**, 1915. Obras completas, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Ed. 2010.

GELLES, R. J. Abused wives: why do they stay? **Jornal of Marriage and the Family**. Menasha, v. 38, n. 4, 1976

JUSBRASIL. Lei Maria da Penha. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>. Acesso em 28 de janeiro de 2022.

LOPES, I. N. et al. **Tecendo considerações a respeito da violência psicológica contra a mulher**. Anais do seminário in Terinstitucional de ensino, pesquisa e extensão, 2021

MARQUES, Tânia Mendonça. **Violência conjugal**: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. 2005. 300 f. Dissertação – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. DOI <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2005.33>

MILLER, M. S. **Feridas invisíveis**. Tradução de Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999

RIBEIRO, M. B. T. **Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo**: uma revisão integrativa de literatura. 2020. Tese de doutorado.

ROLIM, K. I; FALCKE, D. **Violência Conjugal**, políticas públicas e rede de atendimento. 2017

TRUNINGER, E. Marital violence: the legal solutions: **Hastings Law Jornal**, v. 23, Nov. 1971

WALKER, L. E., Psychology and domestic violence around the world. **American Psychologist**, Washigton, v.54, n.1, 1999